

**Franz Ruppert**

## **Almas Confusas**

### **O Significado Escondido das Psicoses Esboço de uma Psicotraumatologia Sistémica**

Título original: *Verwirrte Seelen. Der verborgene Sinn von Psychosen. Grundzuege einer systemischen Psycotraumatologie.* Ed. Koesel. Munique: 2002

*Extractos:*

### **Tipos de traumas psíquicos**

Proponho-me distinguir quatro tipos de traumas:

- traumas existenciais,
- traumas de perda,
- traumas de vinculação,
- traumas de vinculação sistémica.

No **trauma existencial** trata-se de sobrevivência, as pessoas em questão vêm a sua vida e a sua saúde bem como a manutenção das suas bases materiais ameaçadas. Um trauma existencial é, p. ex., provocado por um acidente de viação ou de trabalho, uma catástrofe natural, um assalto, uma situação de guerra, um ataque terrorista, uma violação etc. Um trauma existencial leva, portanto, uma pessoa ou um grupo de pessoas a uma situação que ameaça a sua própria vida. O indivíduo pode ultrapassar essa situação, com muita sorte, sem danos corporais, ou pode ficar com feridas corporais graves.

As testemunhas de um tal acontecimento também podem sofrer um trauma existencial. O presenciar da situação traumática deixa muitas vezes marcas profundas na psique das testemunhas. Só nos últimos tempos é que se dá mais importância ao facto de as equipas de salvação poderem sofrer também traumatizações psíquicas profundas pela confrontação com as vítimas, os mortos e feridos.

Num **trauma de perda** uma pessoa perde algo que lhe é muito valioso e insubstituível. Isso pode consistir em:

- bens materiais (p. ex. a perda da casa num incêndio ou por necessidade de fugir da sua terra),
- partes e áreas funcionais do próprio corpo (p. ex. perda de um dedo num pianista),
- perda de uma pessoa por separação (p. ex. perda de pai ou mãe por divórcio ou de um parceiro por separação; separação de pais e filhos numa situação de guerra),
- perda de uma pessoa por morte (p. ex. quando pais, irmãos ou parceiro morrem cedo),

- perda de pertença a um sistema de vinculação psíquica (p. ex. quando uma criança é posta num lar ou entregue a pais adotivos; quando pessoas são exiladas da sua terra; quando pessoas têm que deixar o seu país para poderem sobreviver).

Diferentes traumas de perda têm diferentes efeitos de intensidade. Em geral, uma perda material é ultrapassada melhor e mais rapidamente que a perda de uma pessoa amada. A dificuldade nestes traumas é que a alma vive, depois da perda, como num estágio intermédio. Não consegue agarrar ou substituir o que se perdeu nem separar-se definitivamente.

Falo de um **trauma de vinculação** quando uma pessoa é magoada psíquica e, muitas vezes também, fisicamente por uma pessoa com quem está ligada intimamente a nível da alma e de quem depende. Tomemos o exemplo da relação de uma criança com um adulto. Aí, uma criança é tratada, p.ex. pela sua mãe, pelo pai, pelos avós, por outros familiares, pais ou educadores de maneira que a sua dependência psíquica é abusada. A pessoa mais forte vive na criança os seus próprios conflitos psíquicos e traumatizações e satisfaz as suas necessidades não realizadas na criança indefesa. A dependência da criança é abusada, a sua confiança explorada emocionalmente. Dependendo da profundidade do vínculo psíquico, da intensidade da relação, da idade da criança, do tipo do abuso emocional e corporal, e de possíveis experiências de violência, o trauma tem consequências mais ou menos profundas para a criança.

Os adultos também podem viver um trauma de vinculação. Através do seu amor para um homem ou para uma mulher, um se torna psicologicamente dependente do outro. Mesmo na situação em que um deles é magoado ou humilhado pelo outro, mantém-se vinculado à relação. Assim, é frequente mulheres não conseguirem separar-se de um parceiro violento e regressam à relação, também de uma casa-abrigo para mulheres espancadas. Parece que agressões que provocam medo têm mais tendência de fortalecer um vínculo do que dissolvê-lo. Uma mulher espancada, p. ex., no seu medo de ser batida de novo, não consegue ver nenhuma alternativa à relação com esse homem.

Num trauma de vinculação, e apesar das contínuas humilhações, uma pessoa não consegue sair pela sua própria força da relação que a prejudica a nível da alma. As causas psíquicas deste vínculo indissolúvel podem ser muito complexas. Num trauma de vinculação os papéis de vítima e agressor alternam muitas vezes. Quando um quer separar-se o outro segura-o, e vice versa. Medos de separação, medo de perda do amor, dependência sexual, ameaças e manifesta violência como dependências materiais criam uma confusão de motivos e condições na medida em que duas pessoas não conseguem separar-se apesar de sempre voltarem a magoar-se mutuamente a nível psíquico e físico.

Se dois grupos de pessoas, p. ex. duas etnias diferentes, estão ligados a nível geográfico, não se podendo evitar, estamos em presença de um trauma de vinculação em grandes grupos. Neste caso, nenhum dos povos pode dominar ou afastar o outro. Vivem, portanto, lado a lado num estado contínuo de inimizade. Exemplos disso são israelitas e palestinianos, curdos e turcos, bascos e espanhóis. Mesmo se, nessas situações, existe muitas vezes um grupo dominador, o grupo dominado demonstra sempre de novo a sua impotência através do terror.

Num **trauma de vinculação sistémica** não se trata só de indivíduos ou do vínculo de uma pessoa para outra mas da existência de todo um sistema de vinculação psíquica. O

trauma diz respeito ao sistema de vinculação como um todo. Danifica-o gravemente enquanto sistema.

A nível da família significa que certos acontecimentos têm a força de pôr em questão as bases para o vínculo psíquico do casal, de pais e filhos e assim como entre gerações. O vínculo familiar e o sentimento de pertença estão em risco podendo, em caso extremo, ser extintos. Mais à frente explicarei em pormenor quais são esses acontecimentos e porque eles – ou a sua tabuização e negação – representam, a meu ver, a base para as perturbações psicóticas de pessoas pertencentes a essas famílias.

A nível de sistemas de vinculação maiores também existem traumas de vinculação sistémica no sentido atrás referido. Os conquistadores que ocupavam um país estrangeiro sabiam desde sempre como provocar um trauma de vinculação sistémica nos indígenas que queriam dominar: Era preciso tirar o poder aos seus chefes e humilhá-los, e destruir os símbolos religiosos da sua identidade colectiva. Guerras, guerras civís, genocídio, deslocções étnicas representam para essas comunidades traumas de vinculação sistémica. É-lhes tirada a base da sua pertença colectiva e, assim, da sua vida em comum. Vamik Volkan fala, no caso de traumas em grandes grupos, de “acontecimentos comuns nos quais um grupo sofreu perdas, se sentiu sem amparo, foi oprimido por outro grupo e teve que sofrer uma humilhação colectiva”. (V. D. Volkan, *Borderline-Psychopathologie und internationale Beziehungen*, in: Kernberg, O.; Dulz, B.; Sachsse, U. (ed.): *Handbuch der Borderline-Störungen*, p. 819-828, Stuttgart 2000: Schattauer)

(pág. 130-134)

## **Padrões de sintomas de traumatização psíquica**

*Percebemos a vida de frente para trás,  
más temos que vivê-la de trás para frente*  
Soeren Kierkegaard

### **Esboço de uma psicotraumatologia sistémica**

**Conflitos psíquicos como consequências de um trauma.** Se distinguirmos as consequências de um trauma para determinada pessoa conforme os tipos de traumas referidos anteriormente pode-se prever que tipos de sintomas têm maior probabilidade em se manifestarem (ver tabela em baixo).

Num **trauma existencial** o medo ocupa o primeiro plano. Desenvolvem-se medo e pânico, “fobias” condicionadas pelas características da situação de trauma, às vezes também pensamentos e acções obsessivas. Obsessões são, nesta perspectiva, rituais mágicos para lidar com o medo da morte e a ameaça de aniquilação. Neste tipo de traumas, há pessoas que são extremamente activas e que se ocupam às vezes mecanicamente para estarem sempre ocupadas conseguindo, assim, não voltar a sentir o medo da morte. Também existem pessoas interiormente traumatizadas que estão como

paralizadas porque experienciaram, na situação traumática, que o menor movimento pode levar à morte.

As consequências de um **trauma de perda** são abatimento, falta de esperança e de estímulo, portanto sintomas típicos de uma “depressão”. Um trauma de perda não ultrapassado pode também aumentar a tendência para o suicídio. Isto é sobretudo o caso quando os filhos sofrem, na sua alma, com as perdas dos pais. Podem ser consideradas como consequências tardias de um trauma de perda as dificuldades de adaptação e as consequências inerentes (p. ex. toxicod dependência) que se encontram em jovens cujos pais deixaram o seu país.

Todos os sintomas de uma pessoa emocionalmente **confusa** são característicos para um **trauma de vinculação**. Estas pessoas sofrem uma grande pressão psíquica e querem manter pai e mãe juntos. Sentem-se interiormente abandonadas e pequenas, estão cheias de medo e muitas vezes também de raiva. Assim, criam-se, p. ex., pessoas traumatizadas com o mote de vida: “Agarra-te como puderes!” ou: “Nunca mostrar fraqueza! Fraqueza é morte.” Há pessoas traumatizadas que vivem totalmente retiradas e recusam qualquer forma de ligação, ou reagem, em momentos de proximidade, caoticamente sentindo-se incapazes de corresponder às exigências do momento. Outra estratégia de lidar com este tipo de trauma é entrar cegamente em qualquer tipo de relação disponível. Estas pessoas conseguem realizar uma proximidade intensiva por um curto espaço de tempo, mas não manter uma relação a longo prazo. Os traumas de vinculação originam, na minha maneira de ver, os conflitos psíquicos mais graves. Exprimem-se através de sintomas psicossomáticos, em comportamentos que são diagnosticados, na psiquiatria, como distúrbio de personalidade *borderline* ou, na psicanálise, como distúrbio narcisista, ou acabam, no extremo, no distúrbio de personalidade múltipla. Um trauma de vinculação torna a vida numa luta pela sobrevivência.

Num **trauma de vinculação sistémica**, uma pessoa já não consegue mais definir a sua pertença ao seu sistema de origem e de viver a sua consciência em acordo com a consciência do seu grupo original. O que provoca as formas de confusão psicótica (p. ex., morte no sistema familiar, filhos fora do casamento declarados como legítimos).

Os diferentes aspectos de trauma podem também sobrepor-se e aparecer juntos. Um trauma de vinculação pode estar ligado a um trauma de perda, p. ex. na anorexia nervosa. É por isso que a anorexia existe tanto na forma de a pessoa passar fome até morrer, como também na outra forma de a sua recusa de comida mudar para ataques de fome compulsiva levando à bulimia. Um trauma de perda pode também estar ligado a um trauma de vinculação sistémica. Isto pode, p. ex., originar sintomas bipolares.

**Proposta para uma sistematização.** Na minha opinião as diferentes formas de doenças psíquicas ou, como eu prefiro chamar-lhes, de conflitos de vinculação psíquica podem ser bem entendidos e sistematizados num conceito de traumatização.

Recorrendo, ainda, à descoberta de que as consequências de uma traumatização podem transferir-se dos pais aos filhos e ainda aos netos (aspecto transgeracional ou “sistémico”) é possível explicar, num quadro conceptual uniforme, o espectro dos objectos da chamada “psicologia clínica” com as suas muitas variantes de neuroses, psicossomatoses, distúrbios *borderline* e psicoses. Uma área científica didáctica que

poderia ser chamada psicotraumatologia transgeracional ou sistêmica possibilitaria diagnósticos teoricamente bem fundados e estratégias de intervenção acertadas.

### **Tipos de traumas e conflitos psíquicos como consequência de traumatização**

<b>Tipo de trauma</b>	<b>Exemplos</b>	<b>Consequências da traumatização</b>
<b>Trauma existencial</b>	Acidente, doença grave, assalto, catástrofe natural, presenciar a morte	Medos fortes, fobias, ataques de pânico, pensamentos e ações obsessivas
<b>Trauma de perda</b>	Perda de trabalho e casa, separação, divórcio, ser entregue num lar, adoção, morte súbita de uma pessoa amada, perda de país, exílio	Abatimento, falta de estímulo, depressão, tendência para o suicídio
<b>Trauma de vinculação</b>	País alcoólicos, traição, infidelidade, abuso sexual e violência na família	Dependência e abuso de drogas, anorexia nervosa, alergias psico-somáticas, distúrbio <i>borderline</i> , distúrbio de personalidade múltipla
<b>Trauma de vinculação sistêmica</b>	Morte em familiares, negligência com consequência mortal, filhos ilegítimos declarados como legítimos, filhos entregues a outros	Distúrbio e divisão psíquica, esquizofrenia e psicoses

Esta tabela pode ser transferida além dos sistemas familiares, para outros sistemas de vinculação. Parece-me importante investigar sistematicamente os traumas existenciais, de perda, de vinculação e de vinculação sistêmica em grupos, organizações sociais, povos ou estados e as suas consequências a curto e longo prazo. Possivelmente, para muitos conflitos sociais, encontrar-se-iam, não só boas descrições, mas também boas soluções.

(p. 175-78)

Traduzido do Alemão por Thomas Riepenhausen 2004